

ESCOLA POLONESA E A ‘*PRAKTYKA EDUKACYJNA / PEDAGOGICZNA*’ (PRÁTICA EDUCATIVA/PEDAGÓGICA) NO SUL DO PARANÁ (1914)¹

Polish School and ‘Praktyka Edukacyjna / Pedagogiczna’ (Educational / Pedagogical Practice) in South Paraná (1914)

Daniele KRUL

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória
daniele_krul@yahoo.com.br
<http://orcid.org/0000-0003-0311-8007>

Roseli B. KLEIN

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória.
roseli.klein@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-3368-5785>.

RESUMO: Vários grupos imigrantes de diferentes etnias povoaram a região sul do Brasil, no final do século XIX e início do Século XX. Os poloneses estabeleceram-se no município de Cruz Machado², no sul do estado do Paraná, no ano de 1911. Os primeiros anos de povoamento exigiram dessas pessoas muito esforço para vencer as adversidades. Construíram suas casas, a igreja e a escola. Essa pesquisa propõe-se a investigar a organização escolar inicial, permeada pela cultura polonesa advinda da Europa. Justifica-se o estudo tendo em vista que esses grupos criaram formas de organização social, entre elas a escola, que os mantinham unidos e os auxiliavam na manutenção da identidade cultural. O estudo tem por objetivo descrever a trajetória da Escola Polonesa da comunidade de Sant’Ana (Cruz Machado – PR), fundada em 1914, atendida pelas Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, resgatando dados sobre a fundação, funcionamento, organização didático pedagógica, entre outros, até aproximadamente a década de 1980. Utiliza

¹ Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso de Daniele Krul.

² O Núcleo Colonial Federal de Cruz Machado (PR) foi fundado em 19 de novembro de 1910, e em 14 de novembro de 1951, foi desmembrado do município de União da Vitória tornando-se assim um município independente, tendo a sua efetivação em 14 de dezembro do ano seguinte, o qual constituiu-se como palco de uma grande diversidade cultural, e ainda mantém-se como tal. A cidade conta com uma população estimada em aproximadamente 19.000 habitantes, entre eles, descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos (ROCKENBACH, 1996). A comunidade de Sant’Ana, atualmente denominada de Distrito de Sant’Ana, localiza-se a dezessete quilômetros de distância da atual sede de Cruz Machado (PR).

de pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória, com pesquisa de campo por meio de análise documental e entrevistas. A investigação tem como base teórica a História Cultural e utiliza estudos sobre a imigração polonesa de Wachowicz (2001) e sobre Cultura Escolar (JULIA, 2001). **PALAVRAS-CHAVE:** Escolas isoladas étnicas; Práticas educativas; Cultura polonesa.

ABSTRACT: Several immigrant groups of different ethnicities inhabited the southern region of Brazil, in the late 19th and early 20th centuries. The Poles settled in the municipality of Cruz Machado, in the south of the state of Paraná, in 1911. The first years of settlement demanded from these people a lot of effort to overcome adversity. They built their houses, the Church and the school. This research aims to investigate the initial school organization, permeated by Polish culture from Europe. The study is justified in view of the fact that these groups created forms of social organization, including the school, which kept them together and helped them to maintain their cultural identity. The study aims to describe the trajectory of the Polish School of the Community of Sant'Ana (Cruz Machado - PR), founded in 1914, served by the Franciscan Sisters of the Holy Family of Mary, retrieving data on the foundation, operation, pedagogical didactic organization, among others, until approximately the 1980s. It uses bibliographic, descriptive and exploratory research, with field research through document analysis and interviews. The investigation is based on Cultural History and uses studies on Polish immigration by Wachowicz (2001) and on School Culture (JULIA, 2001). **KEYWORDS:** Isolated ethnic schools; Educational practices; Polish culture.

INTRODUÇÃO

Os poloneses fixaram-se, em grande número, no estado do Paraná ocupando áreas destinadas para a agricultura. Construíram suas colônias, criaram uma organização própria capaz de preservar suas tradições e costumes, fundaram associações, construíram igrejas e escolas. Havia uma preocupação da comunidade com a instrução das crianças e jovens. No início do século XX o Estado tinha pouca influência sobre a organização social desses grupos em suas colônias, da mesma maneira, no campo educacional. Pela dificuldade das comunidades em manterem com regularidade as escolas, muitas solicitavam às autoridades religiosas a vinda das congregações para assumir a educação nessas colônias de imigrantes. Os poloneses, da localidade de Sant'Ana (município de Cruz Machado – PR), utilizaram desse recurso e nas atividades escolares foram auxiliados pelas Irmãs

Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

Justifica-se a pesquisa pela necessidade de se recompor os aspectos históricos da educação polonesa na região, desvendando a maneira pela qual o ensino foi organizado e como se procedeu para a manutenção da língua e cultura de origem, e os meios utilizados para preservar a identidade cultural.

A investigação propôs-se a verificar como esses imigrantes organizaram-se enquanto família, escola e sociedade, vindos de um lugar totalmente diferente, encontrando dificuldades, mas resistindo as adversidades para bem viver. O estudo teve por objetivo descrever a trajetória da Escola Polonesa da comunidade de Sant'Ana (Cruz Machado – PR), fundada em 1914, e atendida pelas Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, resgatando dados sobre a fundação, funcionamento, sujeitos participantes, organização didático pedagógica, entre outros. A pesquisa tornou-se um grande desafio, pois a escola já não existe mais fisicamente, porém permanece no imaginário da população local até a atualidade.

O texto apresenta, num primeiro momento, um histórico da imigração polonesa no Paraná e no segundo momento discute o surgimento da instituição, em estudo, e toda a sua organização.

OS IMIGRANTES POLONESES: FAMÍLIA E SOCIEDADE

A imigração polonesa, no estado do Paraná, começou no final do século XIX e início do século XX. Com a Proclamação da República Brasileira o governo estabeleceu uma propaganda para atrair estrangeiros. A publicidade atraiu o povo que passava por necessidades em sua pátria e estava sob o domínio de um governo autoritário. Essa situação levou muitas pessoas a buscarem um local onde pudessem ser donos de suas próprias terras e livres.

O presidente da província do Paraná, Lamenha Lins, incentivou o estabelecimento de colônias de poloneses em chácaras na periferia de Curitiba e interligadas por estradas: “Pilarzinho (1871) e Abranches (1873)” (WACHOWICZ, 2001, p. 150). O objetivo em manter essa logística deveu-se a potencialidade da produção agrícola, pelo elemento imigrante, e a possibilidade de abastecimento da capital, formando-se, assim, um cinturão verde. “Mais tarde o presidente Taunay organizou, em 1885 e 1886, inúmeras sociedades de imigração nos municípios do interior, com o fim específico de estimular as correntes migratórias e colonizadoras do Paraná” (WACHOWICZ, 2001, p. 154). Essa realidade tornou-se possível devido a ampliação do acesso as localidades antes inacessíveis. A extensão do povoamento ocorreu devido a navegação do Rio Iguaçu, em 1882, entregue

ao comando do Coronel Amazonas Marcondes e subvencionada pelo governo imperial. A navegação ocorria de Porto Amazonas (PR) até União da Vitória (PR), (WACHOWICZ, 2001).

As dificuldades enfrentadas, pelos imigrantes, aumentavam ao chegarem em terras mais afastadas da capital. Perceberam que tudo o que o governo lhes prometera inicialmente, consistia em propagandas falsas. Porém, sem escolha, estabeleceram-se em colônias a eles designadas e iniciaram uma nova organização social.

Com o crescimento populacional da localidade de Mallet (PR) e circunvizinhanças, primeiro espaço territorial ocupado pelos poloneses no Paraná, muitos transferiram-se para o Núcleo Colonial Federal Cruz Machado, criado em 1910. Em Cruz Machado (PR) estabeleceram-se em 1911. Segundo Rockenbach (1996):

Vindos da Polônia, das Províncias de Chelm, Siedlechi e Lublin, saíram do Pôrto de Bremen, num navio alemão: “Kaproka”. Viajaram 27 dias pelo mar (no navio não havia muita higiene, algumas pessoas adoeceram), chegaram no Rio de Janeiro. Foram bem recebidos: comida boa, música, etc. Com um navio costeiro, navegaram à Ilha das Flores, ficaram em observação, depois seguiram a Paranaguá. Não havia guindastes, jogavam os volumes do alto dos navios, muitos volumes se abriam e espalharam os objetos neles contidos. Tudo era diferente: a comida era escassa. Passavam fome: as mães começaram a chorar. (ROCKENBACH, 1996, p. 119).

Mediante as condições precárias, algumas famílias desejavam retornar para a Polônia. Entretanto, poucas tinham condições de voltar. Quando chegaram ao Brasil enfrentavam a viagem de trem até Curitiba, e depois, de carroça até Cruz Machado (PR), percorrendo estradas péssimas, caminhos perigosos e rios sem ponte (ROCKENBACH, 1996).

Nos núcleos coloniais poloneses, construía-se, inicialmente, uma casa para cada família, que eles denominavam de *butkas*, abriam-se estradas para a locomoção e transporte de mantimentos e, também, construía-se a igreja católica. Sanadas essas primeiras necessidades, a construção e organização da escola viria na sequência.

Os primeiros poloneses que chegaram a região de Cruz Machado³, estabeleceram-se na localidade denominada Pátio Velho. Após instalados, foram acometidos pelo tifo.

³ Em 1910, o Governo Federal realizou medição de grandes áreas de terras no Paraná. A oeste da Serra da Esperança, entre os rios: Iguaçu, Palmital, Rio da Areia e Potinga, a região recebeu o nome de Cruz Machado. Nesta localidade, os poloneses se estabeleceram em 1911, sob condições muito precárias. (ROCHENBACH, 1996).

Tentando escapar da doença, procuraram outra região, um pouco mais distante dessa primeira: a comunidade do Rio do Banho. Nesse local derrubaram pinheiros e iniciaram suas plantações, construíram uma capela, a qual servia também de escola⁴.

Segundo a placa indicativa, onde situa-se o Memorial Polonês da localidade em estudo, a chegada desse povo aconteceu da seguinte maneira (MEMORIAL POLONÊS, 2011):

Em 1910 o governo brasileiro convidou os imigrantes e planejou construir uma cidade nova: Cruz Machado. Preparou 500 casas simples para receber a primeira leva com mil famílias. No dia 04 de julho de 1911, chegaram os primeiros imigrantes da Polônia. Logo a epidemia de tifo matou cerca de 800 pessoas. Junto com o povo estava presente o Padre Paulo Tomalla vindo de Guarapuava. Teve início a demarcação das terras e a colonização. Primeiro foi formada a Colônia Cruz Machado, situada primeiramente na localidade Rio do Banho. Depois, colonizaram a linha Iguaçu e a linha Guarapuava. Em 1912, chegou o primeiro pároco Padre Teodoro Drapiewski, que formou a primeira comunidade paroquial e construiu a primeira igreja a qual existe até hoje. (MEMORIAL POLONÊS, 2011).

Considerando as terras fracas nessa localidade, novamente transferiram-se para outra região, dessa vez, a comunidade de Sant'Ana⁵ que os abrigou.

Em 1914, após estabelecidos nesse novo local, construíram o cemitério, a primeira igreja em madeira e receberam a colaboração, nas atividades pastorais, das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, vindas de Curitiba e, edificaram a escola. Essa primeira escola, nessa localidade, teve como professoras as próprias irmãs. Mais tarde, a população construiu uma outra instituição escolar onde lecionou um professor vindo da Polônia (ROCKENBACH, 1996). Assim foi a saga desse povo polonês, advindo da Europa, atraídos pelas propagandas de terras e vida em contato com a natureza. Muitos desafios tiveram que ser enfrentados, mas a vontade de vencer aliada à religiosidade, fortaleceu-os para que organizassem a nova vida em terras brasileiras e hostis.

⁴ A Capela Nossa Senhora das Dores, que nos dias de semana servia de escola e no fim de semana era utilizada como local de orações (ROCKENBACH, 1996). Essa primeira capela/escola, construída em madeira, existe até a atualidade. Na localidade há uma igreja construída em alvenaria, porém preserva-se a anterior, em madeira.

⁵ A comunidade de Sant'Ana (Cruz Machado – PR), atualmente denominada de Distrito de Sant'Ana, recebeu imigrantes poloneses. Na atualidade, possui uma igreja, cemitério, escolas, casa das irmãs (desativada) e um Museu Etnográfico da Imigração Polonesa.

A ORIGEM DA ESCOLA NA COMUNIDADE POLONESA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A escola ou instituição escolar, segundo Saviani (2007, p. 5) foi criada “para satisfazer determinadas necessidades humanas, isso significa que elas não se constituem como algo pronto e acabado”. Dessa forma, a escola, nesse contexto imigratório, surgiu de acordo com as necessidades do povo, e esteve sempre em transformação, atrelada à demanda da comunidade. No período da imigração, a necessidade consistia em saber ler e escrever o básico e mesmo assim, houveram dificuldades quanto a criação e manutenção das escolas. Além dos imigrantes chegarem em terras desconhecidas, a comunicação complicava-se, pois não sabiam falar o português, apenas a língua estrangeira.

Não somente os colonos poloneses chegaram ao Brasil, mas também professores. Esse foi o caso do professor Jerônimo Durski diplomado pelo Seminário Real Católico do Reino da Prússia que lecionou em Curitiba, no final do século XIX, na colônia Orleans, onde estabeleceram-se os primeiros imigrantes poloneses do Paraná. Esse professor escreveu um livro bilíngue⁶ impresso na Polônia em 1893, com o intuito de auxiliar a adaptação do imigrante no Brasil (PARANÁ, 2019). Por outro lado, as colônias polonesas que se fixaram em regiões distantes da capital receberam, inicialmente, apoio da igreja católica para criarem suas escolas. Algumas com a presença de religiosas dedicando-se a educação e outras criadas por particulares, mas amplamente motivadas pela igreja. Esse foi o caso dos primeiros poloneses fixados ainda, na comunidade Rio do Banho, próxima a atual sede do município de Cruz Machado (PR). Eles contaram com a presença das religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

O primeiro empreendimento dos imigrantes, no local denominado Rio do Banho, foi a construção da igreja, criada em 1911, e na sequência houve a preocupação com a educação das crianças, havia a necessidade de criar uma escola. Sob condições econômicas difíceis e com outras prioridades a serem resolvidas, a alternativa foi utilizar a igreja como espaço escolar, até que a escola fosse construída. O padre que atendia a comunidade, Padre Teodoro Drapiewski, solicitou o apoio da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, que naquele momento possuíam uma casa em Curitiba, para auxiliarem nos trabalhos de escola. Segundo o Livro de Crônicas dessa congregação religiosa, o fato ocorreu da seguinte maneira (CONGREGAÇÃO DAS

⁶ Na obra Durski expõe aos imigrantes as características e costumes brasileiros, bem como fornece uma breve explicação sobre a língua portuguesa para falantes de polonês, a chamada “cartilha polaca” – livro de cabeceira de muitas gerações de imigrantes. (PARANÁ, 2019).

IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA, 1913):

O padre Teodoro Drapiewski, de Cruz Machado, pediu para a Madre Elizabete Stanislaska, provincial das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, residentes em Curitiba, religiosas para os trabalhos na escola. O pedido foi aceito. Aos 12 de agosto de 1913, partiram de Curitiba para esta missão: Ir. Aloisa Broda, Ir. Marta Jozefowska e Ir. Anieli Blenska. Viajaram de Curitiba até Mallet de trem, onde chegaram no dia seguinte. Lá as aguardava uma carroça enviada de Cruz Machado, viajaram das 8 horas até as 18 horas por estrada muito ruim e deserta. Finalmente, avistaram a torre da Igreja. No local, além da igreja havia a moradia da família Tucholski. Anexo a igreja havia, nos fundos, dois quatinhos para as irmãs e uma cozinha ao lado. As irmãs foram recebidas pela senhora da família Tucholski. Usando a tradição polonesa: cumprimentou as irmãs, na entrada com “pão e sal” e sua filhinha trouxe um ramalhete de flores e disse um *versinho* para as irmãs. Veio o Pe. Teodoro e informou as irmãs que elas iam dar aula na igreja. O povo se organizou, e no final do mês de agosto, as irmãs organizaram as aulas com 123 alunos de várias idades. As crianças eram inteligentes e obedientes, mas de famílias muito pobres. Como as aulas eram dadas na igreja e aos domingos ali era celebrada a Santa Missa, as irmãs todos os sábados retiravam os bancos e móveis escolares para dar espaço ao culto dominical. O sacratíssimo sacramento durante a semana ficava guardado num quatinho anexo a igreja. (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA, 1913, p. 2).

O registro destaca as condições precárias de transportes, ressaltando as distâncias a serem percorridas por meio de carroças. Revela as condições econômicas difíceis das “famílias muito pobres”, pois ocupavam o mesmo espaço para as orações e para a escola, e o trabalho do professor era bastante árduo.

Havia dificuldades para os alunos também, pois saíam muito cedo de casa para escola. Marczał conta a respeito (*apud* ROCKENBACH, 1996):

Eu ia para a escola descalço, pois acabaram os sapatos que trouxemos e não tinha onde comprar. Levava carne de pomba, era o lanche para comer na escola. Naquele tempo, alunos da escola [...] e toda a turma de lá caminhavam a pé uns doze quilômetros. A aula começava às 8 horas, não podiam atrasar. As 15 horas terminava a aula, anoiteciam caminhando para casa, e no outro dia, de madrugada, tinham que sair outra vez. (MARCZAL *apud* ROCKENBACH, 1996, p.125).

Da colônia do Rio do Banho muitas famílias transferiram-se, mais uma vez,

para a localidade denominada Sant'Ana. Segundo Rockenbach (1996) os imigrantes alegavam que naquele local as terras eram fracas e precisavam de lugares melhores para cultivarem seus alimentos. Em Sant'Ana a escola foi fundada entre os prováveis anos de 1913 e 1914. Segundo dados constantes no Museu Etnográfico da Imigração Polonesa da Colônia Sant'Ana⁷ (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ MACHADO, 2019). A escola, inicialmente, foi atendida pelas Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria e localizava-se próxima ao cemitério atual, havia ainda uma igreja. Ali residia o padre e as irmãs que lecionavam. Quando as Irmãs foram embora, em 1919, outro professor lecionou. Mais tarde, a escola foi transferida de local (figura 1) e construída onde, atualmente, localiza-se o Colégio do Campo Estanislau Wrublewski (Distrito de Sant'Ana, município de Cruz Machado – PR). (MILCZUK, 2019b). Depois, a igreja e a escola foram construídas em área mais central do Distrito⁸, pois essa nova localidade deveria ser a sede do município de Cruz Machado (PR).

⁷ O Museu Etnográfico da Imigração Polonesa está localizado no Distrito de Sant'Ana, na cidade de Cruz Machado (PR), aproximadamente 17 quilômetros do centro da cidade. O Museu que foi construído em 1995, com a ajuda da comunidade, contém fragmentos históricos que retratam a história dos imigrantes poloneses que chegaram ao município em 1911. Construído em estilo polonês, o museu expõe objetos relacionados com a história da imigração e também da história do Padre Daniel Niemiec, que foi o idealizador do projeto do museu. Além do museu, a estrutura ainda conta com uma casa típica polonesa, as *butkas* (moradias de 3m x 4m – representando as primeiras construções que acolheram os primeiros imigrantes), a igreja e o local de trabalho representado por objetos e ferramentas, utilizadas no início do século XX. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ MACHADO, 2019).

⁸ O terreno foi doado pela família Barczak (PAIDOSZ, 2019). A vontade de estabelecer a sede do município nesse local não permaneceu, pois mais tarde, a população deslocou-se cerca de 17 quilômetros de distância, e determinou o novo local para a sede, onde atualmente localiza-se a área central do Município. “Em 1916 construíram em Cruz Machado, a sede do município, uma sociedade de madeira, servindo para escola e capela”. (MEMORIAL POLONÊS, 2011).

FIGURA 1 – ESCOLA POLONESA DO DISTRITO DE SANT'ANA (MUNICÍPIO DE CRUZ MACHADO – PR), 10 DE NOV. DE 1942.



Fonte - Acervo do Museu Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória.

Quanto a prática pedagógica e educativa adotada pela escola, percebe-se inicialmente uma escolarização ainda muito precária, com poucos recursos e dotada de um rigor disciplinar, que ao longo dos tempos foi modificando-se. Segundo Paidosz (2019), 70 anos, estudante na escola entre os anos de 1956 a 1958, aprendia-se:

[...] o básico: algumas contas e escrever o nome. A prova era aplicada por um professor de outra escola que tinha mais perto, eles se trocavam para fazer a prova. O material era caderno, lápis e a caneta tinteiro “pena”. O professor era bom, não batia, só fazia se ajoelhar no milho. O lanche tinha que levar de casa, uns levavam mandioca cozida para o lanche. A escola tinha telhado, mas não tinha piso, era de chão batido. Nos sábados todos tinham que ir para lavar os bancos e organizar a escola. Eu aprendia com facilidade e ajudava os outros a fazer a lição, eu era como uma ajudante do professor. Nos dias de prova, eu fazia cola, fazia a tabuada em uma taquara, e ganhava balas em troca, de seus colegas. (PAIDOSZ, 2019).

As condições dessas escolas isoladas e multisseriadas, num primeiro momento, eram muito frágeis. Milczuk (2019a), 62 anos, estudante na escola entre os anos de 1964 a 1968, conta sobre sua vida escolar:

Estudei até a quarta série e o ensino apresentava-se multisseriado. Tínhamos as disciplinas de português, matemática, história, ciências, geografia, desenho e praticávamos caligrafia. Não tinha educação artística nem educação física. O material consistia de caderno, lápis, borracha de apagar até a terceira série, e na terceira e quarta escrevíamos com tinta, tinha um furo na carteira para colocar o tinteiro que vinha do governo e a caneta era uma pena. Usávamos guarda pó branco, esse era o uniforme. Estudávamos quatro horas diárias de segunda a sábado. A prática pedagógica baseava-se no livro que vinha do governo. Era muita, <decoreba>, devíamos saber a tabuada, as capitais, os verbos [...] se o aluno não soubesse a lição, após a explicação do professor, apanhava. [...] o sistema de avaliação era bimestral, o professor que avaliava e, no final do ano, vinham as inspetoras da educação que aplicavam a prova escrita. (MILCZUK, 2019a).

Milczuk (2019a) relata que seus pais também estudaram na mesma escola em que estudou, na década provável de 1930:

[...] eles vinham a pé da localidade denominada Fartura, estudavam seis horas por dia e tinham aula em polônês também. Caminhavam até 10 km para chegar na escola e descalços, pois ninguém tinha dinheiro para comprar calçados. (MILCZUK, 2019a).

Percebe-se a pouca mobilidade de algumas famílias tradicionais, demonstrando que na mesma escola estudaram os pais e também seus filhos. Mesmo com um tempo histórico distanciando-se em torno de trinta anos, a escola ainda apresentava um ensino multisseriado e tradicional, com a adoção da caligrafia, a necessidade de decorar a matéria e escrever com caneta tinteiro. Por meio desses relatos observa-se a prática pedagógica utilizada no interior da escola, a qual vinha sempre acompanhada de sanções disciplinares.

Esse modelo de organização permaneceu como uma *práxis* nos núcleos imigratórios. Para essa região vieram imigrantes poloneses católicos, e no caso específico dessa comunidade, os primeiros habitantes foram logo apoiados pelos padres católicos, que se deslocaram da região de Mallet (PR), para ampará-los no cuidado com a religiosidade. E, fortalecidos espiritualmente, conseguiram unir esforços para lutar em prol da sobrevivência: os cuidados com a terra e a própria subsistência; e, os cuidados com a preservação dos costumes e cultura, por meio da igreja e da escola. Portanto, muito

antes de receberem apoio do Governo, receberam o amparo da igreja.

Milczuk (2019b), 48 anos, estudante na escola entre os anos de 1978 a 1982, aponta os castigos físicos aplicados na escola:

A professora atendia as quatro séries ao mesmo tempo, passava conteúdos, explicava e passava atividades. [...] utilizava-se um livro didático e quadro negro. O sistema de avaliação consistia de prova oral por meio de bancas examinadoras, sob a supervisão de inspetores escolares, e provas descritivas e objetivas. [...] a disciplina escolar era bastante rígida, não se podia virar para trás, conversar com colegas, deixar de fazer lição, ou errar uma lição na lousa, apanhava na mão com uma borracha bem grossa, a professora batia com a régua por trás na orelha ou até puxava nas orelhas, ficava-se de joelhos atrás da porta. Lembro muito bem das brincadeiras, jogos de bolinhas de gude, as rixas entre as diferentes localidades: Serraria, Palmira, Vicinal 5 e 6. Os alunos caminhavam até 7, 8 quilômetros a pé até a escola. De início não havia merenda fornecida na escola, nós levávamos e trocávamos; posteriormente, o professor era responsável por preparar a merenda: bolacha, sopa e às vezes tinha uma bebida de morango. [...] não tínhamos mala, carregava-se o material em pacotes ou a mãe costurava uma bolsa, a maioria andava descalço ou usava-se uma “conga”, e sempre de guarda pó. [...] o aprendizado, regras, respeito, nos tornou seres responsáveis. (MILCZUK, 2019b).

O registro deixa transparecer que as dificuldades escolares enfrentadas pelos primeiros imigrantes poloneses da localidade, perpetuaram-se nas gerações subsequentes. Pois, os estudantes, ainda na década de 1980, tinham que percorrer longas distâncias para frequentarem a escola, o material didático encontrava-se muito precário, o rigor disciplinar, por meio de castigos físicos, persistia e as condições econômicas das famílias apresentavam-se desfavoráveis.

CULTURA ESCOLAR E A IDEOLOGIA CATÓLICA

A escola polonesa fundada em 1914, pelas Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, na comunidade de Sant’Ana (Cruz Machado – PR), surgiu após vinte e cinco anos da Proclamação da República brasileira. No ano de sua fundação o Brasil ainda preparava-se para absorver esse regime político e organizar-se como tal. A economia cafeeira em ascensão e o comércio com os Estados Unidos fortalecia, cada vez mais, a consolidação dessa República, entretanto, muito ainda estava por se fazer. Como o país havia recém saído de um regime escravocrata, havia a necessidade de garantir a

continuidade da produção agrícola, para isso os imigrantes foram convidados. Quanto a área da educação, as escolas primárias ampliavam-se nos centros urbanos e algumas reformas educacionais foram empreendidas. O Estado do Paraná com seu Decreto nº 93, de 11 de março de 1901, incluía o Regulamento da Instrução Pública; em 1917 o Código de Ensino do Estado estruturou as regras administrativas e pedagógicas para todos os níveis de ensino, incluindo a escola primária. Em 1920, o professor César Prieto Martinez foi nomeado inspetor geral do ensino. Ele empenhou um trabalho de reconhecimento das escolas isoladas fundadas por imigrantes em seus núcleos. Verificou que no ano de 1921 “funcionavam no Estado 459 escolas isoladas, com matrícula total de 22.975 alunos” (ARKENSEN; MIGUEL, 2017. p. 12).

Essas escolas ensinavam em língua estrangeira, ou seja, na língua de origem dos imigrantes, embora a Lei nº 894 de 19 de abril de 1901, em seu Artigo nº 83 garantisse a obrigatoriedade do ensino em língua nacional nas escolas particulares de nível primário (STANIESZEWSKI, 2014). Essa obrigatoriedade tornou-se mais efetiva no ano de 1938 quando o Governo Getúlio Vargas ordenou que a língua portuguesa fosse a primeira língua a ser ensinada nas escolas⁹.

Devido ao fato da comunidade de Sant’Ana manter-se muito afastada de um centro urbano e desprovida de boas estradas, a instalação da escola foi auxiliada pelas religiosas polonesas, que passaram a lecionar no local. A Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, foi fundada em 1857 por Zygmunt Szczesny Felinski. As religiosas atuaram nas províncias do Norte do Império Russo até o sul do Mar Negro, e, também assumiram trabalhos em terras polonesas. De acordo com Grybosi e Vieira (2019, p. 60-61): “a partir do ano de 1862, as irmãs da família de Maria assumiram os trabalhos nas terras polonesas”. Mais tarde, a congregação dividiu-se, e uma parte ocupou as casas de Petersburgo, Varsóvia e Odessa e, outra parte, as casas da Galícia (GRYBOSI; VIEIRA, 2019). Segundo Grybosi e Vieira (2019, p. 62) o trabalho das religiosas consistia em:

Seguir a regra traçada pelo fundador: a atividade educacional e de instrução realizada nos estabelecimentos para os órfãos, internatos, escolas e abrigos; o trabalho tutelar dos doentes, deficientes e idosos; a organização das capelas e fundação de centros religiosos, repercutindo

⁹ Getúlio Vargas instituiu o projeto de política de nacionalização pelo Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, pelo qual ficou proibida aos estrangeiros qualquer atividade política; o ensino passou a ser obrigatório na língua portuguesa e as escolas deveriam ter nomes brasileiros. Em 1939 ficou proibido falar em público o idioma estrangeiro. (GRYBOSI; VIEIRA, 2019, p. 102)

no ambiente católico e nacional. O fundador orientava as religiosas para o trabalho dedicado aos mais pobres, porque almejava a educação do povo, a sua moralização e o ensino das verdades da Fé. [...] Tinha também um objetivo específico: influenciar a sociedade, inculcando um espírito de unidade católica, de união nacional. Compreendia que tudo poderia se realizar se comesçassem a ensinar as crianças. (GRYBOSI; VIEIRA, 2019, p. 62).

O trabalho foi expandido a outros países, e no Brasil as primeiras irmãs chegaram em 1906, na colônia de Orleans, próximo a cidade de Curitiba (PR)¹⁰. Da cidade de Curitiba elas foram enviadas às colônias no interior do estado. Segundo Grybosi e Vieira (2019, p. 93) no Município de Cruz Machado, as religiosas iniciaram os trabalhos no ano de 1913 (comunidade Rio do Banho), e trabalharam “em 35 locais entre os anos de 1906 e 1938, todos localizados na região sul do Brasil, abrangendo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. O trabalho inicial consistia na instrução e educação nas colônias polonesas.

Nessas localidades, cujas professoras eram as próprias religiosas, a escolarização apresentava-se contínua, sem rupturas, como não ocorria em outras comunidades que recebiam professores leigos que não permaneciam por muito tempo. Dessa forma, a evangelização também se acentuava, pois além de professoras, as irmãs assumiam a função de catequistas.

A partir da proibição do ensino em língua polonesa, em 1938, a legislação educacional, adotou uma proposta de nacionalização, ou seja, a escola deveria ser parceira nesse propósito, orientando a educação para a implementação de uma identidade nacional nas áreas de imigração. Renk (2014 *apud* GRYBOSI; VIEIRA, 2019, p. 102-103) diz que:

O Estado propunha o ensino em língua nacional, aulas de história e geografia do Brasil, o ensino de hinos pátrios e as celebrações das datas cívicas. As leis, os decretos e os regulamentos de ensino no Paraná, desde 1900 até 1938, estabeleciam que o ensino deveria ser ministrado em língua portuguesa. Apesar desse aparato legal as escolas étnicas resistiram em adotar o ensino da língua portuguesa, para não perder a identidade cultural. Para essas comunidades étnicas, a perda da língua materna representava a perda da identidade. Para as autoridades de ensino, a língua portuguesa era o elemento essencial para formar a nacionalidade. (RENK, 2014 *apud* GRYBOSI; VIEIRA, 2019, p. 62).

¹⁰ As primeiras irmãs que chegaram a Orleans: Ir. Jadwiga Dudkówna, Ir. Maria Grzegorzewicz, Ir. Sofia Ulatowska. (GRYBOSI; VIEIRA, 2019, p. 80).

Com a necessidade de ensinarem a língua portuguesa e acrescentarem elementos nacionais, as irmãs professoras “trabalhavam os conteúdos obrigatórios de acordo com as normas educacionais do período, porém longe das autoridades, ensinavam a cultura do grupo polonês” (GRYBOSI; VIEIRA, 2019, p. 129).

Percebe-se que além de ensinarem na escola, educavam para a vida, pois possuíam inúmeras atividades, assim conquistaram a confiança do povo imigrante. Mediante esse processo de escolarização, sob o amparo de uma congregação religiosa, verifica-se a cultura escolar produzida. Segundo Julia (2001):

Cultura escolar é um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10).

Assim, nota-se que a cultura escolar absorveu a ideologia católica, por meio das religiosas polonesas que estabeleceram normas disciplinares e de convivência, no interior da escola. Adotaram práticas específicas que permitiram transmitir conhecimentos. Incorporaram comportamentos de ordem, asseio e comprometimento social: “nos sábados todos tinham que ir [à escola] para lavar os bancos e organizar a escola. Eu aprendia com facilidade e ajudava os outros a fazer a lição, eu era como uma ajudante da professora” (PAIDOSZ, 2019). O impacto dessa ordem, ensinada na escola, refletia na organização da comunidade revelando, apesar das primeiras dificuldades, uma comunidade próspera na década de 1940, pois segundo Moecke (s/d, p. 17-20), a localidade tinha uma casa de comércio, uma fábrica de linhaça e “plantavam de tudo: trigo, centeio, milho e feijão”.

Barros (2005) aponta que o sistema educativo se constitui como uma agência de produção e difusão cultural e que utiliza de meios, como as práticas e processos, pois estes:

[...] representam a matéria prima cultural propriamente dita (os padrões que estão por trás dos objetos culturais produzidos), as <visões de mundo>, os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os <modos de vida> relacionados aos vários grupos sociais, as ideias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos. (BARROS, 2005, p. 129-130).

Quando Barros (2005) indica os sistemas normativos como uma prática da escola,

prática esta que constitui a “matéria prima” da cultura escolar, percebe-se que a ação disciplinadora no interior da escola polonesa esteve muito presente, como descrita no imaginário de Milczuk (2019a): “se o aluno não soubesse a lição após a explicação do professor [o aluno] apanhava”. Esse rigor, na maioria das vezes, levava ao cumprimento das normas no interior da escola e estendia-se para a comunidade, e, em outras ocasiões, levava a comportamentos que burlavam as normas: “nos dias de prova, eu fazia cola, fazia a tabuada em uma taquara, e ganhava balas em troca, de seus colegas” (PAIDOSZ, 2019).

Mediante todas essas considerações observa-se que mesmo inserida num movimento republicano laico, a escola por meio das irmãs professoras, reproduziu a religião católica, transmitiu regras de organização, ensinou a língua polonesa, ofereceu o ensino tradicional, conservou características culturais da Polônia e produziu, assim, uma cultura escolar própria de uma determinada sociedade historicamente localizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o auxílio da comunidade, através de entrevistas e documentos analisados, a pesquisa buscou compreender o processo educativo de Sant’Ana, Distrito de Cruz Machado (PR). Depois de analisar as fontes orais e escritas percebeu-se a dificuldade que a comunidade teve para manter a escola: falta de material adequado; muitos estudantes deslocavam-se longas distâncias para as aulas; entre outras.

Resgatar a história de uma instituição escolar é também recompor a história de uma comunidade. Por meio de fontes orais e escritas foi possível verificar as contribuições dessa escola para a localidade e compreender o processo educativo adotado pelos primeiros imigrantes até aproximadamente a década de 1980, apontando as práticas educativas e pedagógicas inseridas no cotidiano escolar.

Também foi possível perceber que houveram transformações ao longo do funcionamento da instituição: a nomenclatura sofreu alterações, a escola foi deslocada de um lugar para outro, tornou-se mais tarde, uma escola nucleada que recebeu um número maior de estudantes devido ao fechamento de escolas isoladas próximas.

Esse estudo possibilitou pesquisar a história da escola polonesa da comunidade de Sant’Ana com base em documentos e, principalmente sob a ótica da memória dos sujeitos que por ela passaram, cujas subjetividades ainda se fazem presentes e recompõem um grande mosaico de informações capazes de trazer à tona a organização dessa instituição. E, ainda a pesquisa possibilitou mapear a localização de mais um núcleo étnico polonês

na região de Cruz Machado (PR) e a persistência desses imigrantes, mesmo em meio a tantas adversidades, em querer oferecer educação aos seus descendentes.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais as pessoas que se dispuseram participar de entrevistas sobre a história da escola e da comunidade local; ao Núcleo de Catalogação, Estudos e Pesquisas em História da Educação (NUCATHÉ) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de União da Vitória, pelo apoio quanto ao tratamento das fontes pesquisadas; ao Museu Pedagógico da UNESPAR, *campus* União da Vitória; a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria pelos dados fornecidos; e a Fundação Araucária pela concessão de bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS:

AKSENEN, Elisângela Zarpelon; MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. A Educação Rural no Estado do Paraná no início do Século XX: a voz dos documentos oficiais. In: IX CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. *Anais....* João Pessoa: UFPB, 2017.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. *Revista Diálogos*, Maringá, n. 1, v. 9, 2005, p. 125-141.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; MORAIS, Grinaura Medeiros de; CARVALHO, Bruna Katherine Guimarães. Dos castigos escolares à construção de sujeitos de direito: contribuições de políticas de direitos humanos para uma cultura da paz nas instituições educativas. *Ensaio*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 102, p. 24-46, mar. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002601366>>. Acesso em: 23 out 2019.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA. *Livro de Crônicas*. Cruz Machado; Paraná, 1913 (Traduzido).

GAIAS, Matilde Barczak. *Entrevista* concedida a Daniele Krul. Cruz Machado (PR), julho de 2019. Gravação em áudio. (Entrevista).

GRYBOSI, Roseli Teresinha Bortolan; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. *Educar e Construir*. Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria nas Colônias. Curitiba: Appris, 2019.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, 2001.

MEMORIAL POLONÊS. *[Placa do Centenário de Imigração Polonesa]*. Cruz Machado, 2011.

MILCZUK, Ana. *Entrevista* concedida a Daniele Krul. Cruz Machado (PR), julho de 2019. Gravação em áudio. (Entrevista).

MILCZUK, Josmar José. *Entrevista* concedida a Daniele Krul. Cruz Machado (PR), julho de 2019. Gravação em áudio. (Entrevista).

MOECKE, Julieta. *Julieta Moecke uma História de Amor* (Autobiografia). Material impresso e não editado. União da Vitória, Paraná: s/d. 41p.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et al. (Orgs.). *Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, São Paulo: Autores Associados: UNISCO; Ponta Grossa: UEPG, 2007. (Coleção Memória da Educação).

PAIDOSZ, Sofia Czervinski. *Entrevista* concedida a Daniele Krul. Cruz Machado (PR), julho de 2019. Gravação em áudio. (Entrevista).

PARANÁ. CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. *Notícias da Câmara*. Disponível em: <<https://www.cmc.pr.gov.br/informacao/noticias>> . Acesso em 23 jun. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ MACHADO. Secretaria da Cultura e Turismo. *Museu Etnográfico da Imigração Polonesa*. Disponível em: <<http://www.pmc.pr.gov.br/cultura-e-turismo/museu-etnografico-da-imigracao-polonesa/>> . Acesso em: 10 de jun. 2019.

RENK, Valquiria Elita. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no paraná*. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_renk.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

ROCKENBACH, Irene Fryder. *Dados Históricos e Memórias de Cruz Machado*. [s/l]: [s/e], 1996.

SAVIANI, Dermeval. *Instituições Escolares no Brasil Conceito e Reconstrução Histórica*. In: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Orgs.). *Instituições Escolares no Brasil, conceito e reconstrução histórica*. Campinas, São Paulo: Autores Associados: UNISCO; Ponta Grossa: UEPG, 2007. (Coleção Memória da Educação). p. 3 – 27.

STANISZEWSKI, Rosane. *Uma Investigação sobre o Ensino da Matemática nas Escolas Polonesas em São Mateus do Sul, Paraná*. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

WACHOWICZ, Ruy. *As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil*. In: *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*. Curitiba: Champagnat, 1970. vol. VII, p. 13 - 110.

WACHOWICZ, Ruy. *História do Paraná*. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WRUBLEWSKI, Regina. *Entrevista* concedida a Daniele Krul. Cruz Machado (PR), julho de 2019. Gravação em áudio. (Entrevista).